

GOA:
PASSADO E PRESENTE

Título: Goa: Passado e Presente

Edição: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa e
Centro de História de Além-Mar

Pré-impressão, impressão e acabamentos: Servilto-Empresa Gráfica, Lda

Data: Dezembro 2012

Depósito Legal: 356920/13

ISBN: 978-972-9045-31-8

GOA: PASSADO E PRESENTE

TOMO 1


**CENTRO DE ESTUDOS
DOS POVOS E CULTURAS
DE EXPRESSÃO PORTUGUESA**
Faculdade de Ciências Humanas
Universidade Católica Portuguesa

Centro de História de Além-Mar
CHAM
Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores

2012

Título: Goa: Passado e Presente

Edição: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa e
Centro de História de Além-Mar

Pré-impressão, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda

Data: Dezembro 2012

Depósito Legal: 356920/13

ISBN: 978-972-9045-31-8

SER GOÊS FORA DE GOA: MÚSICA E RELIGIÃO EM VIAGEM

ISABEL DE CASTRO*

Introdução

No texto *Proud to be a Goan: memórias coloniais, identidades poscoloniais e música* (2010b), Susana Sardo refere que os goeses se disseminaram, no decorrer de várias épocas, pelos cinco continentes, existindo mesmo testemunhos de deslocamentos e migrações de goeses, pelo menos a partir do século XVI, nomeadamente de “missionários goeses” (Malheiros 2000:384). Durante esses percursos migratórios, muitos goeses deslocaram-se de Goa para Moçambique, fixando-se em distintas zonas deste país, sobretudo nas cidades da Beira e na cidade de Maputo.

Os processos de fixação dependeram de redes sociais e familiares pré-migratórias e também da situação profissional, da formação académica ou da posição social que os goeses ocupavam no local de origem, isto é, da casta¹ à qual pertenciam. Neste sentido, vamos encontrar, em Moçambique, uma comunidade goesa repartida entre dois mundos sociais: um mundo social de pessoas com profissões ligadas à administração pública, à saúde, ao ensino e a outros serviços do setor primário e, outro mundo social constituído por goeses que se dedicam à pesca especializada. Esta situação levou a que os goeses que migraram escolhessem para viver, por um lado, locais coadunantes com a sua atividade profissional e, por outro lado, locais consonantes com o seu grupo social.

Os goeses sobre os quais esta reflexão se vai centrar, fazem parte de uma comunidade de pescadores que elegeu para viver a localidade moçambicana da Catembe. Esta vila “(...) pertence ao distrito urbano número um da cidade

* Instituto Politécnico de Bragança/ Universidade de Aveiro / INET-MD.

¹ “A designação «casta» (...) foi introduzida pelos portugueses como sinónimo de jati e não de varna (...)” e “(...) designa grupos sociais com base no parentesco, no casamento e nas práticas alimentares” (Sardo 2010a: 107). Tal como afirma Susana Sardo, a organização social dos goeses acenta em castas. Do hinduísmo os goeses mantêm a divisão estratificada e hierarquizada por varnas embora no caso dos goeses católicos as quatro varnas clássicas hindus se tenham transformado em três: Brâmanes, Chardós e Sudras (2010b: 107). Apresentam-se ainda hoje como uma elite privilegiada, quer económica quer socialmente e distinta dos goeses menos privilegiados. Durante o período que decorreu do processo de colonização (entre 1510 a 1961), os goeses que assumiram a religião católica continuaram a manter uma sociedade por castas, agora mimetizada do seu colonizador português, evidenciando essa estratificação principalmente na continuidade de uma hierarquização social. Do hinduísmo mantêm maioritariamente os casamentos endogâmicos e a gastronomia.

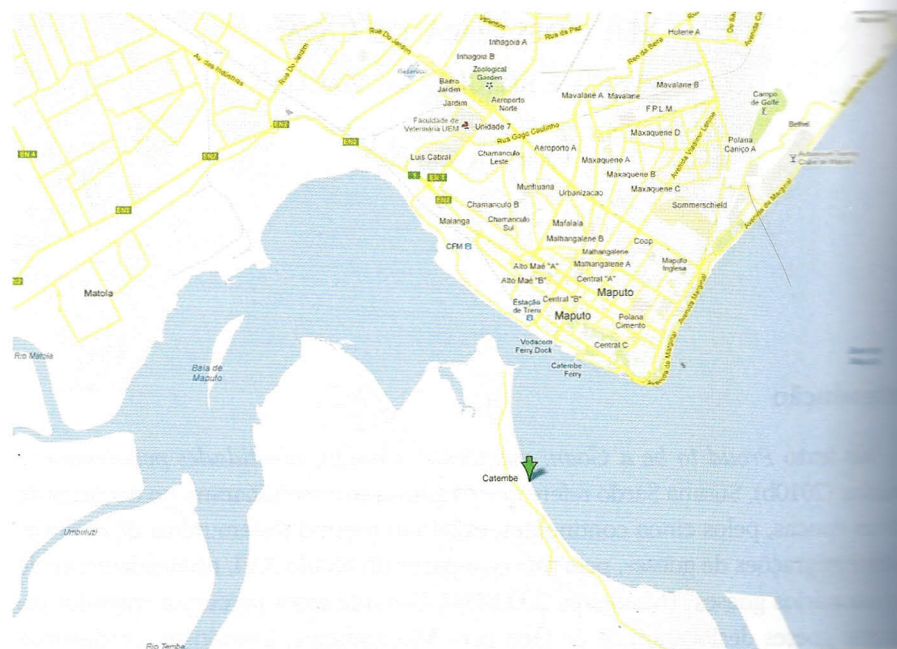


Figura 1. Mapa da Baía de Maputo e Catembe (Fonte: Google maps)

de Maputo (...)” (Branquinho 2003:4) e localiza-se a sul desta cidade, da qual é separada pela baía de Maputo.

O bairro da Catembe onde residem os goeses denomina-se Guachene² e em termos de organização habitacional apresenta duas zonas distintas: uma zona de moradias robustas, feitas com materiais resistentes e duradouros (tais como o tijolo, a telha e o cimento) e uma outra zona com construções precárias e frágeis (com a utilização de materiais como o zinco, chapa ou madeira) (idem). A escolha da Catembe³, como espaço de residência para os goeses aqui estudados decorre fundamentalmente do perfil profissional dos próprios goeses. De facto, as condições de excelência para a pesca, nomeadamente, a pesca do camarão, apresentadas pela Catembe foram decisivas para que a comunidade se centrasse nessa região e crescesse a partir de um corredor migratório com base nas relações de amizade e/ou familiares.

Nesta reflexão apresento resultados parciais da minha investigação para doutoramento em Etnomusicologia, cujo trabalho de campo iniciei em 2011. O

² “(...) O nome Guachene deriva do termo “Guacha”, que na língua xitswa significa “ilha”. Como em tempos passados existia nesta zona um mercado que nos períodos chuvosos ficava isolado da água por todos os lados, apresentando o aspecto de ilha, derivando daí o seu nome” (Branquinho 2003: 4).

³ Passarei a utilizar a designação “Catembe” para me referir ao local de residência da comunidade goesa, uma vez que é a terminologia usada pelos meus colaboradores.

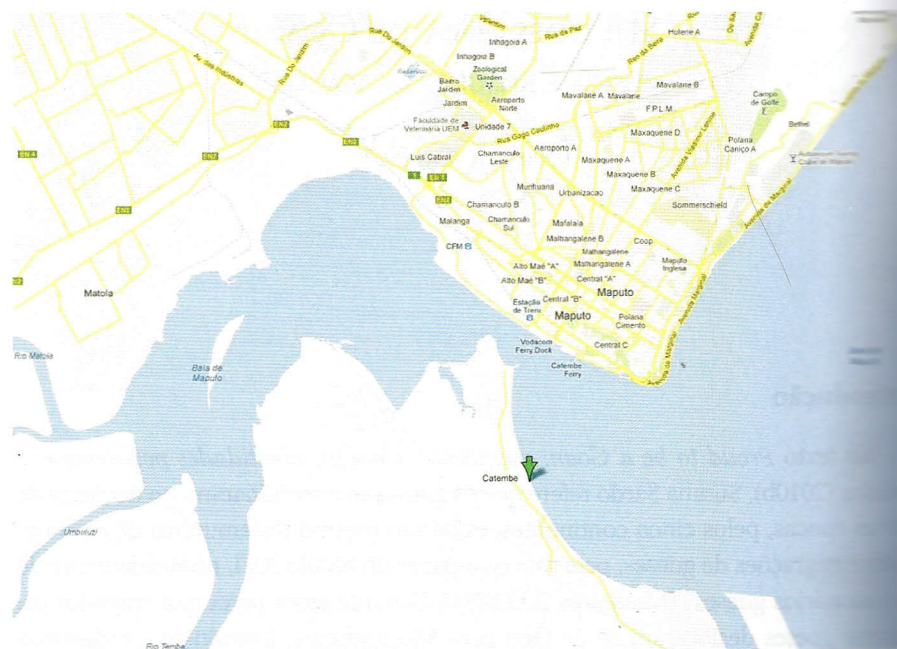


Figura 1. Mapa da Baía de Maputo e Catembe (Fonte: Google maps)

de Maputo (...)” (Branquinho 2003:4) e localiza-se a sul desta cidade, da qual é separada pela baía de Maputo.

O bairro da Catembe onde residem os goeses denomina-se Guachene² e em termos de organização habitacional apresenta duas zonas distintas: uma zona de moradias robustas, feitas com materiais resistentes e duradouros (tais como o tijolo, a telha e o cimento) e uma outra zona com construções precárias e frágeis (com a utilização de materiais como o zinco, chapa ou madeira) (idem). A escolha da Catembe³, como espaço de residência para os goeses aqui estudados decorre fundamentalmente do perfil profissional dos próprios goeses. De facto, as condições de excelência para a pesca, nomeadamente, a pesca do camarão, apresentadas pela Catembe foram decisivas para que a comunidade se centrasse nessa região e crescesse a partir de um corredor migratório com base nas relações de amizade e/ou familiares.

Nesta reflexão apresento resultados parciais da minha investigação para doutoramento em Etnomusicologia, cujo trabalho de campo iniciei em 2011.

² “(...) O nome Guachene deriva do termo “Guacha”, que na língua xitswa significa “ilha”. Como em tempos passados existia nesta zona um mercado que nos períodos chuvosos ficava isolado da água por todos os lados, apresentando o aspecto de ilha, derivando daí o seu nome” (Branquinho 2003: 4).

³ Passarei a utilizar a designação “Catembe” para me referir ao local de residência da comunidade goesa, uma vez que é a terminologia usada pelos meus colaboradores.

meu trabalho revelou aspectos importantes para compreender o modo como, a partir das práticas ritualísticas religiosas e seculares, a música permitiu e permite ainda hoje estabelecer relações importantes entre a diáspora e o lugar de origem, definindo o que, na aceção proposta por Gordon e Maffesoli (cit in Sardo 2010b: 57), se pode designar por uma “comunidade emocional”. Nesse sentido procuro reflectir sobre o lugar da música no contexto da comunidade goesa residente na Catembe enquanto (1) comportamento indissociável das diferentes práticas ritualísticas de carácter religioso ou secular, (2) modo de projecção e efectivação da goanidade, (3) intermediária no processo ambivalente de diferenciação e de integração, na teia de relações que a comunidade da Catembe estabelece com outras comunidades vizinhas.

2. A comunidade goesa na Catembe

Os moradores goeses da Catembe dedicam-se maioritariamente à pesca semi-artesanal do camarão. As cerca de 45 famílias goesas que compartilham o quotidiano com as outras populações moçambicanas, estabelecem com elas relações comerciais, ou mesmo de recurso à mão de obra para a manutenção dos barcos de pesca de que são proprietários.

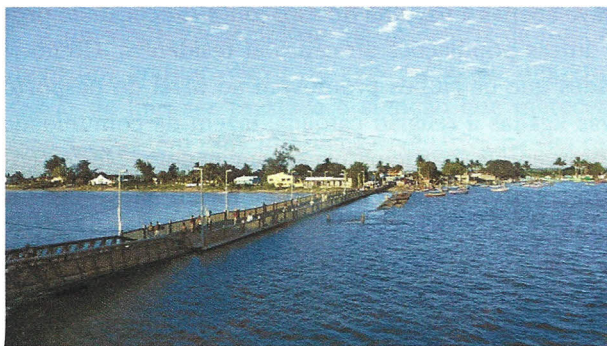


Figura 2.
Porto de pesca da comunidade da Catembe (foto: Isabel de Castro).

O bairro Guachene, no qual residem, é um lugar originalmente sem planeamento urbano, fruto de construções mais ou menos desordenadas da iniciativa dos próprios moradores. Inicialmente constituído por habitações edificadas com materiais precários como o zinco, a chapa ou a madeira, a gradual melhoria da situação económica proporcionada pela pesca modificou a paisagem urbana. Atualmente, esta zona apresenta construções de carácter definitivo e robusto como casas de tijolo, cimento e telha⁴.

⁴ De acordo com testemunhos dos meus colaboradores, inicialmente os goeses habitavam junto ao mar ocupando habitações de construção mais precária.

Através da acção de alguns membros da comunidade goesa residente na Catembe⁵, o bairro tem vindo a acolher um conjunto de infraestruturas urbanas que propiciam uma atmosfera de socialização e de coabitação importante entre a população. Aqui se incluem uma escola primária, um ponto de mercado de abastecimento, um porto de pesca e dois clubes. A designação de clube, utilizada pelos goeses, refere-se à instituição formal de um grupo organizado de pessoas, habitualmente associado a um espaço – a sede do clube – onde os filiados se reúnem periodicamente para dar corpo a atividades comuns. Na Catembe usam esta denominação para se referirem a dois locais distintos: o clube de São Pedro e o clube de Nossa Senhora das Mercês. Estes clubes, fundados antes da independência de Moçambique (1975), têm como objetivos, entre outros, a organização e a realização da festa de São Pedro e da Festa de Nossa Senhora da Mercês, respectivamente, apesar de atualmente o grupo de pessoas que os frequenta ser o mesmo. O clube de Nossa Senhora das Mercês, cuja sede é a mais recente e tem infra-estruturas com espaços diversificados (como a cozinha, as casas de banho, o bar e o salão de festas com palco), é também o local no qual os moradores se reúnem para celebrar eucaristias, para partilhar preocupações relacionadas com as atividades piscatórias, para partilhar problemas do foro privado e familiar e para acções de carácter lúdico.

Mas, a ação da comunidade goesa, situada neste bairro de pescadores na Catembe, não se circunscreve apenas à partilha do espaço e à execução de projetos de melhoria com as outras populações africanas aí residentes. Como já referi, as diferentes atividades que os clubes promovem ao nível do desporto e das práticas performativas ligadas à religião católica, fazem da comunidade goesa uma colectividade interventiva, participativa e conciliadora. Neste sentido, é habitual convidarem a comunidade africana, residente em outros bairros da Catembe, para participar em cerimónias religiosas (como por exemplo as eucaristias dominicais) durante as quais os cânticos desempenhados por goeses (em konkani e português) alternam com cânticos interpretados por moçambicanos de origem africana. É igualmente frequente a presença de alguns representantes da comunidade goesa residente em Maputo, provenientes de um mundo social diferente do que se instalou na Catembe – como acima referido – que em momentos festivos se deslocam à Catembe e participam na preparação e na organização de diferentes eventos. Tal como afirma Diogo (2010) um dos membros do clube de São Pedro, na Catembe:

⁵ Esta inferência resulta da análise da entrevista cedida por Eustério Sabino Fernandes Cardoso, que passarei a designar por Diogo (por ser este o nome pelo qual é conhecido na comunidade), realizada a 6 de Fevereiro de 2010 da qual saliento a seguinte afirmação: “O meu Pai gostava muito da comunidade aqui, especialmente africana. Dedicava-se... muitas vezes dedicava aos bairros, desportos... para fazer uma criação... uma criação desportiva e tudo, como comunidade. Era a pessoa mais dedicada... Dava sempre apoio onde... se morresse alguém aqui na comunidade, oferecia sempre caixão. Dava sempre uma mão a outra mão. Além de ter o restaurante tinha a cantina, o meu pai, também” (Cardoso 2010).

“E partir dali, a comunidade hoje, como não está assim muito grande, temos há volta (...) de 150, mais ou menos...Hoje juntamos todos: Maputo e Catembe (...). (...) apesar de Maputo não ter clube, temos o nosso clube aqui, juntamos todos aqui (...)” (6 de Fevereiro de 2010).

Na verdade, os goeses que residem na Catembe têm revelado uma capacidade de organização que de alguma forma os distingue dos goeses que residem na capital⁶ proporcionando quer no interior do seu grupo quer na relação com outros, a possibilidade de se agregarem enquanto comunidade e assim diluírem as diferenças sociais que os distinguem. Esta característica, consubstanciada formalmente a partir do estabelecimento de clubes e, no plano performativo, através da partilha de momentos de fruição colectiva de iniciativas lúdicas ou devocionais, permite reforçar os laços comunitários quer no seio dos goeses residentes em Moçambique quer na relação com outros grupos em diferentes locais da diáspora goesa (Maputo, Beira, Londres, entre outros). A música adquire aqui um lugar muito particular enquanto território de comunhão interpares, e, também, enquanto forma de manutenção de uma memória de Goa à qual todos, apesar das diferenças que os distinguem, sentem pertencer.

3. A Festa de São Pedro na Catembe

Como refere a socióloga Maria Beatriz da Rocha-Trindade, “as festas assumem um grande relevo na vida social do migrantes, não podendo por isso deixar de lhes ser prestada a atenção que merecem, tendo em conta que as associações têm uma intervenção decisiva na sua realização. Sob um ponto de vista prático, o espaço que oferecem às respectivas sedes para que as reuniões preparativas possam ter lugar alia-se à regularidade com que os seus sócios as frequentam pois na grande maioria dos casos muitos deles vão assumindo funções necessárias à sua efectivação”(Rocha-Trindade 2010: 48). É neste sentido que me proponho aqui analisar a Festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores, que se realiza anualmente na Catembe no dia 29 de Junho.

A festa incorpora vários momentos ritualizados que, embora remetam para o passado foram transplantados para o contexto diaspórico e, por consequência, recontextualizados. Em alguns casos incorpora também práticas herdadas de Portugal através da convivência com os portugueses em Moçambique. Esta festa é verdadeiramente central no seio da comunidade goesa porque repre-

⁶ Nas várias entrevistas e conversas informais que fiz a goeses residentes em Maputo, durante o trabalho de campo, foi-me referido a vontade de criarem uma associação formalmente constituída com o objetivo de legitimar a goanidade na diáspora moçambicana. As pessoas que protagonizam esta ideia, tais como Celisa Silveira Quelhas e Pedro Rodrigues, são goeses que participam nas atividades realizadas no clube na Catembe.

senta a demonstração ritualizada de um conjunto de atos, emoções, crenças e desejos que, para esta comunidade são identificadores da sua goanidade.

A festa de São Pedro é pensada, estruturada e coordenada por homens da comunidade goesa (membros do clube de São Pedro), que determinam os diferentes momentos da festa e distribuem tarefas por equipas de pessoas. Há funções destinadas unicamente aos homens e outras apenas desempenhadas pelas mulheres. A festa incorpora seis instâncias a partir das quais se organizam os diferentes momentos performativos: a matança do porco, a missa, a procissão, o almoço e o jantar, a ladainha e a procissão das velas.

O dia dedicado a São Pedro inicia com a matança do porco⁷, tarefa que é realizada pelos homens da comunidade. As carnes são depois entregues às mulheres que, muito antes de o sol nascer, tratam da confeção da comida⁸. Nestes momentos, são as mulheres mais velhas quem orienta e ensina as mulheres mais novas a preparar os diferentes alimentos e todas as tarefas associadas à logística do almoço e jantar.

A missa é realizada no clube de São Pedro e celebrada por cerca de cinco padres goeses, em honra ao padroeiro. A igreja é preparada pelas mulheres que decoram o altar e o andor com a imagem do Santo, escolhendo igualmente os cânticos que se interpretam durante a eucaristia. No decorrer da missa são interpretados, por um coro de mulheres goesas, cânticos⁹ à capela em konkani e em português, compostos com base na harmonia tonal ocidental, nos seguintes momentos: Entrada (português), Aclamação (português), Ofertório (konkani), Pai Nosso (português), Comunhão (português), Acção de Graças (konkani) e Final (konkani). Também durante a missa um grupo de músicos convidados denominado "Arautos"¹⁰ executa alguns momentos musicais, com instrumentos de sopro e percussão, nomeadamente no fim da celebração eucarística.

A procissão tem início na sede do clube de São Pedro que, para a ocasião da festa é autorizada a celebrar o culto católico da missa, e é feita a pé até aos cais do porto da Catembe no qual estão aportados os barcos de pesca, pre-

⁷ Segundo informação do meu colaborador Diogo, na festa realizada no dia 29 de Junho de 2010 foi permitido que os jovens menores de idade estivessem presentes na matança do porco e pudessem participar neste momento de forma ativa, quer como ritual de iniciação nesta atividade, quer como forma de testemunharem um dos momentos que consideram a "sua" tradição. Em nenhum dos momentos deste ritual pude estar presente por ser considerado uma actividade só para homens, situação que respeitei.

⁸ De acordo com informações veiculadas por algumas das minhas colaboradoras, em outros anos, durante a confeção dos alimentos, entoavam cânticos em konkani ou em português, à capela.

⁹ Em 2010 durante a missa à qual assisti, foi distribuído aos participantes um manuscrito em forma de livro (A4 dobrado ao meio e agrafado) no qual estavam registadas as letras dos cânticos, quer em konkani, quer em português.

¹⁰ O representante do grupo, de origem brasileira, explicou que, sendo devotos à Nossa Senhora têm como finalidade auxiliar as comunidades em Moçambique. Referiu ainda que o traje que usam, constituído por batina branca e um escapulário castanho com a cruz de Santiago metade branca e metade vermelha, pretende simbolizar a pobreza e a castidade.



Figura 3.
Andor de São Pedro transportado por goeses durante a procissão.

Foto: Isabel de Castro.



Figura 4.
Desfile dos barcos pelo percurso marítimo.

Foto: Isabel de Castro.

parados e enfeitados pelos homens da comunidade. Neste percurso, feito por um caminho de terra batida, a procissão (encabeçada por um dos padres) é formada pelos participantes na festa e pelo andor com a imagem do padroeiro e é, ainda, acompanhada musicalmente pelo grupo “Arautos” que interpretam obras musicais instrumentais religiosas e seculares.

No cais as pessoas distribuem-se por vários barcos: os arautos, que fazem o acompanhamento musical, ocupam um dos barcos, o altar de São Pedro é colocado em outro barco e as pessoas da comunidade espalham-se por outras embarcações que fazem parte do encadeamento da procissão marítima. Esta procissão é realizada por mar em direcção ao farol da Baía de Maputo, num percurso de cerca de 45 minutos para cada lado e em 2010 incorporava doze barcos. Junto ao farol realiza-se uma cerimónia de homenagem aos antepassados durante a qual é lançada uma coroa de flores ao mar com as embarcações dispostas lado a lado. Os restantes barcos serpenteiam o cortejo e produzem sinais sonoros, com as buzinas.

O cortejo é sempre feito ao som da banda “Arautos” e as pessoas dançam, comem e bebem. Ouvem-se cânticos religiosos em konkani, cantados à capela pelas mulheres. Já em terra, o cortejo segue em direcção à Igreja de São Pedro,

passando pelo centro da vila. A música da banda “Arautos” continua a acompanhar a procissão até à igreja.

Finda a procissão as pessoas concentraram-se para servir o almoço que durou a tarde toda. Durante o almoço o representante da comunidade, Diogo, inaugurou uma sequência de discursos protagonizados por algumas pessoas da comunidade, começando pelas mais velhas, até algumas pessoas convidadas representantes de órgãos do governo, da comunidade moçambicana ou ainda representantes da Igreja católica. O almoço e o jantar foram compostos por um menu alimentar de origem goesa que incluiu chacuti, sarapatel e caril de camarão. Durante as refeições, Diogo incentivou os homens da comunidade para que cantassem, o que resultou em momentos nos quais foram interpretados cantos ao desafio e mandó, ambos em konkani e à capela.

A festa de São Pedro a que assisti, culminou com a ladainha e a procissão das velas. A ladainha, rezada em konkani, é uma prática não litúrgica. Na Catembe, a ladainha parece replicar o lugar que Susana Sardo lhe atribui em Goa enquanto “(...) experiência de convivialidade pública, adquirindo uma dimensão tanto maior quanto maior for a comunidade abrangida” (Sardo 2011: 176). Em Junho de 2010, na Catembe, a Ladainha foi liderada por uma mulher goesa que dirigia as invocações em konkani, à qual os presentes respondiam, emitindo um conjunto de intenções com o canto em português. A procissão das velas encerrou as práticas religiosas da Festa de S. Pedro. Durante a procissão as pessoas dirigiram-se ao altar, de forma individual, com uma vela acesa que colocaram junto da imagem de São Pedro, fazendo uma oração de despedida.

4. A Festa de São Pedro como momento de encontro

Para as pessoas da comunidade goesa da Catembe, constituída fundamentalmente por pescadores e seus descendentes¹¹, a festa de S. Pedro, representa uma espécie de argumento para aceder a Goa. De acordo com os seus testemunhos, a festa possibilita-lhes preservar, partilhar e difundir o conhecimento que têm sobre Goa e que afirmam ter sido herdado das gerações mais velhas. Podemos dizer que a festa se organiza em torno de três eixos de centralidade: o da devoção religiosa, o da alimentação e o da música. Em todos eles o objectivo dos seus protagonistas, é o de promover a partilha e o encontro entre goeses independentemente das diferenças que o universo social e histórico eventu-

¹¹ Os antepassados dos meus colaboradores fixaram-se na Catembe, nos anos 30 do século XX, e dedicaram-se à pesca, tal como faziam no país de origem, em Goa. De uma forma geral, vieram para Moçambique para melhorar de vida. O testemunho de um dos meus colaboradores, aponta no sentido de uma prática transgeracional da pesca por parte dos goeses e que tentam preservar como produto da tradição e das práticas ancestrais.



Figura 5.
Momento da eucaristia
durante a Festa de São
Pedro, em Junho.

Foto: Isabel de Castro.

almente lhes possam acentuar. E essa diferença estabelece-se não apenas em relação a Moçambique enquanto goeses mas, também, enquanto “portugueses”.

No seio dos goeses com quem trabalhei, a remissão do catolicismo para uma origem portuguesa é uma evidência. Na verdade, a festa de São Pedro representa também a exteriorização do “ser-se português”. Como refere um dos meus colaboradores sobre o “peso” da influência portuguesa na prática religiosa:

“Igreja católica. Igreja é católica. Nós somos católicos. Da Igreja portuguesa. Somos da Índia Portuguesa. É por isso alguns de nós somos portugueses, porque nossos avós são da Índia Portuguesa...E a partir daí...portanto, é isso que eu disse, não é!(...)” (Diogo, 6 de Fevereiro de 2010).

Este sentimento de pertença a uma Goa ancestral que outrora foi a Índia Portuguesa prevalece ainda nesta comunidade, principalmente nas gerações mais velhas. Pude testemunhá-lo, quer na forma como me inquiriam sobre Portugal, quer pela maneira orgulhosa como desfraldavam a bandeira portuguesa durante alguns eventos religiosos e durante o Campeonato Mundial de futebol de 2010, que decorreu na África do Sul durante a minha estadia em Moçambique. Mas a forte ligação ao catolicismo e a todos os atos públicos da religião, funciona ainda como uma forma de diferenciação em relação às outras comunidades moçambicanas não católicas. Desta maneira se compreende, por exemplo, que a Festa de São Pedro seja uma festa para a comunidade goesa de Catembe, na qual a participação de outras pessoas, fora da comunidade, obedeça a critérios muito selectivos. É habitual a comissão de organização da festa fazer convites formais a autoridades de outras comunidades africanas da Catembe e de Maputo – como são exemplo o grupo populacional “Tsonga”, bem como a outras instituições de beneficência e solidariedade social.

As festividades religiosas servem também como argumento para a reunião e o encontro com aqueles que partiram da Catembe, rumo a Portugal, a Inglaterra, ou demais lugares (Malheiros 2000:385). No momento em que

regressam à Catembe para se juntarem à festa, os goeses que vivem fora da comunidade, repõem os vínculos não apenas com os membros que aí residem mas também com o lugar que deixaram antes de emigrar e com a memória ou o imaginário de Goa e de Portugal através de Goa. Como refere Beatriz da Rocha-Trindade, os atos públicos religiosos de festa permite frequentemente aos emigrantes que regressam “(...) reviver os locais de origem nos períodos da sua preparação e realização, mantendo permanentemente viva a presença de todos” (Rocha-Trindade 2010:49). Neste sentido, a Festa de São Pedro na Catembe, que define também um dos ciclos anuais das festividades goesas relacionadas com a abertura da época da pesca, garante pelo menos um duplo corredor de identificação: o da comunidade goesa entre si – dispersa que está quer em Moçambique quer em África – e o de todos com um imaginário ou memória de Goa sobretudo aquela que outrora lhes garantiu um estatuto de nacionalidade que viriam a perder duas vezes: o de portugueses. O catolicismo garante-lhes assim a manutenção da sua portugalidade reforçada pela língua oficial que agora usam, o português. A música será, portanto, o factor decisivo no processo de diferenciação em relação à comunidade de acolhimento, como veremos a seguir.

5. A música como lugar de encontro

Ben-Rafael, num artigo sobre as diásporas transnacionais, esclarece que a mudança de localização e alguma fidelidade ao país de origem situado num outro lugar são algumas das principais características da diáspora (2009:2). Os migrantes podem ocupar o país de acolhimento de uma forma fluida ou ocupar espaços que “(...) são caracterizados por «fronteiras» bem definidas em espaços denominados bairros (...)” (Miguel 2012). Este é o caso do bairro de Guachene, na Catembe.

As relações entre a diáspora e o país de origem, neste caso entre a Catembe e Goa, baseiam-se em algumas características comuns àquelas identificadas por William Saffran no plano teórico. Elas incluem a manutenção de aspectos da cultura do país de origem e a “(...) conservação de etnosímbolos do país de origem” (2009: 77-79). Segundo a etnomusicóloga Susana Sardo, os goeses na diáspora organizados em associações elegem a música e a alimentação como as actividades mais importantes para a “(...) construção de um lugar de encontro para os goeses residentes (...)” e para “(...) criar um sentido de goanidade sobretudo para as gerações mais novas (...)” (2010b: 63-64).

No caso da comunidade goesa residente na Catembe, a língua konkani teria que ser acrescentada a este elenco. Ela está presente em diversos momentos da festividade, uma vez que é a língua preferencialmente utilizada para a comunicação entre as mulheres durante a confecção das diferentes refeições, e, também, na música que é desempenhada quer por mulheres quer por homens.

Na verdade cantar em Konkani significa, para os goeses com os quais trabalhei de perto, perpetuar e incentivar a divulgação e a manutenção da língua de Goa junto das gerações mais novas, e, com ela, a goanidade, garantindo assim a diferença em relação às outras comunidades vizinhas.

O que de alguma forma pode constituir motivo de reflexão é que, apesar da comunidade goesa da Catembe exibir distintos comportamentos sociais miméticos (na aceção de Homi Bhabha, 1990) em relação aos portugueses e em relação aos goeses que ficaram em Goa, têm como principal objectivo demarcar efectivamente a sua goanidade. Como resultado de 500 anos da presença portuguesa em Goa, também é certo que o espaço de *unicidade*, reclamado pelos goeses, através por exemplo dos cânticos em konkani, nos momentos da Festa de São Pedro, representam a demarcação do período de colonização. Ou seja, a comunidade goesa reclama a sua diferença baseada por um lado na sua influência portuguesa mas sempre num quadro de distinção em relação a Portugal e remetendo para Goa. Podemos dizer, portanto, que os goeses da Catembe usam a goanidade como forma de se demarcarem duplamente: em relação aos moçambicanos enquanto portugueses e em relação aos portugueses enquanto goeses.

A condição de migrante dos goeses em Moçambique conduziu a sentimentos de nostalgia, concretizados através de eventos performativos como no ato de cantar, em konkani, com o objetivo claro de construir ecos de Goa a partir das canções. Na verdade, a língua, que só os goeses sabem falar é, na Catembe, tal como foi em Goa durante o processo de luta pela autonomia do Estado, um forte ingrediente de distinção e de definição da identidade. Trata-se de uma identidade difusa que se vai perpetuando na memória das várias gerações que se fixaram em Moçambique. Como sustenta Gutiérrez (2009) quando se refere ao modo como a memória é frequentemente um recurso para a definição da identidade, ela é também “capaz de gerar conhecimento” que, no caso da comunidade goesa da Catembe, vai sendo produzido, aprendido e transmitido intergeracionalmente. É também esta memória, onde a música se inscreve, que constitui o motor de resgate da própria goanidade

6. Conclusão

A comunidade goesa fixada em Maputo, mais concretamente a que reside na Catembe, ajusta permanentemente a sua relação de passado migrante, com a procura de uma definição identitária na qual a música e a religião representam meios privilegiados desse ajustamento. Autores como Malheiros (2000) e Cidra (2010), são unânimes em salientar a importância de estudar as populações migrantes para se perceber não só como se processa a inserção das comunidades que migram junto das comunidades do território de acolhimento, mas também como *negoceiam* os custos emocionais de alheamento em relação ao lugar de origem. Como sugere Malheiros “(...) a questão (...) das comunidades

imigradas prende-se menos com os aspectos quantitativos do volume de imigrantes no mundo e mais com a emergência de processos de tipo diverso que permitem, quer o desenvolvimento dos contactos e da circulação internacional, quer uma manutenção mais fácil dos elementos identitários de base (práticas culturais, religião, hábitos alimentares...)” (2000:377). No caso dos goeses residentes em territórios de diáspora é essencial perceber como se explica a constante necessidade que os goeses mostram em definir e redefinir a sua goanidade, assente, fundamentalmente, num sentimento profundo de nostalgia em relação a um lugar e a um tempo passado. Tal como Susana Sardo já identificou no caso dos goeses residentes em Lisboa – e noutros casos de comunidades goesas noutros territórios de acolhimento – a música ocupa, a este nível, um lugar de particular destaque (Sardo 2003, 2007, 2010^a, 2010b) .

Neste artigo procurei mostrar, através da exposição de um estudo de caso que tem como enfoque a festa de São Pedro, qual o papel da música na comunidade goesa residente na Catembe. Na análise realizada alguns aspectos como a indissociabilidade da música em relação às práticas ritualísticas, a projeção e efetivação da goanidade, a natureza paradoxal das relações estabelecidas pela comunidade goesa e a legitimação da identidade goesa na Catembe revelaram-se determinantes para compreender o “ser goês fora de Goa”.

Para os goeses da Catembe, a performance das práticas ritualísticas (religiosas ou seculares) é indissociável da música definindo formas simultâneas de diferenciação e de integração em relação a outras comunidades. A música e o ritual permitem diferenciar os goeses das comunidades não professas da religião católica (como por exemplo as islâmicas e as hindus) e, ainda, da comunidade de goeses que reside na capital, Maputo. Por outro lado, a música e o ritual são também integradores dessas mesmas comunidades porque acolhem e estimulam a sua participação nos momentos festivos e nos atos públicos resultantes das práticas de partilha a eles associados. Desta maneira, para os goeses residentes na Catembe, a música e o ritual assumem um papel importante quer para a reunião dos goeses que habitam dois mundos sociais diferenciados em Maputo e na Catembe, quer como performance da goanidade. Tal como no passado em Goa, a música cantada em konkani legitima a goanidade no território de emigração em Moçambique, transformando-se num elemento conciliador – na aceção de conciliação proposta por Sardo (2010b) – entre os próprios goeses residentes na Catembe e em Maputo, e destes com o passado colonial e pós-colonial. Ela, a música, permite aceder a um lugar de comunhão que torna possível, ainda que de forma relativamente imaginada, permanecer goês fora de Goa.

Referências Bibliográficas

- Bhabha, Homi (1990). *The location of culture*. New York: Routledge
- Ben-Rafael, Eliezer and Sternberg, Yitzhak. (2009). Debating Transnationalism. In *Transnationalism: Diasporas and the advent of a new (dis)order*, edited by E. Ben-Rafael and Y. Sternberg. Leiden and Boston: Brill. (pp.1-28)
- Branquinho, Maria (2003) "Processos de Construção Identitária e Sociocultural da Comunidade Goesa da Catembe", UEM.
- Cidra, Rui (2010) "Migração, Música e". in *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, ed Salwa Castelo-Branco, (L-P) 773-793. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Gutiérrez, António García (2009) *La Identidad Excesiva*. Madrid. Editorial Biblioteca Nueva.
- Malheiros, Jorge Macaísta (2000) "Circulação migratória e estratégias de inserção local das comunidades católica goesa e ismaelita – uma interpretação a partir de Lisboa", *Lusotipie*: 377-398.
- Miguel, Ana Flávia. 2012. *A diáspora transnacional cabo-verdiana e o papel da música no Kova M: Um estudo de caso com o grupo de Kola San Jon do Kova M, em Itália*. Comunicação Oral no Congresso GuimaraMUS 2012. Guimarães.
- Nunes, Catarina Silva (2010) "Festa. Enquadramento Geral". in *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, ed Salwa Castelo-Branco, (C-L) 482-490. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Rocha-Trindade, Maria Beatriz (2010) "Associativismo em contexto migratório", in Horta, Ana Paula Beja (org.), *Revista Migrações*. Número Temático Associativismo Imigrante, Abril 2010, n.º6, Lisboa: ACIDI, 39-58.
- Safran, William. 2009. The diaspora and the homeland: Reciprocities, transformations, and role reversals. In *Transnationalism: Diasporas and the advent of a new (dis)order*, edited by E. Ben-Rafael and Y. Sternberg. Leiden and Boston: Brill. (pp.75-100)
- Sardo, Susana (2003) "Cantar em Português: O papel da Música na Reconstrução da Identidade Goesa", in Castelo-Branco, Salwa El-Shawan e Jorge Freitas Branco (org.) *Vozes do Povo*, Lisboa: Dom Quixote, pp.579-86.
- Sardo, Susana (2007) "Procuro-te em Goa. Música e identidade no contexto da Casa de Goa em Lisboa". in "Oriente", Lisboa: Fundação Oriente, p. 98-117.
- Sardo, Susana (2010a) "Goa em Portugal, Música de". *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Temas e Debates. Círculo de Leitores. 1.ª edi. C-L. p.571
- Sardo, Susana (2010b) "Proud to be a Goan: memórias coloniais, identidades poscoloniais e música". *Revista Migrações*, 7. Outubro. 57-71
- Sardo, Susana (2011) *Guerras de Jasmim e Mogarim. Música, Identidade e Emoções em Goa*. Alfragide. Texto Editores

Outras referencias

Google Maps <http://maps.google.com/>acedido em 19 de Março 2012.